

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAISES: UNI-VOS!

Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (S.P.I.C.)



O POVO VENCERA' A REACÇÃO!

Acaba de se constituir em Portugal a FRENTE POPULAR ANTI-FASCISTA
A Frente-popular vencerá a fome, a miséria e a repressão
DERRUBANDO O "ESTADO-NOVO,,!

Vão quasi decorridos dez anos depois que um «golpe de força» levou às cadeiras do poder uma camarilha militarista que, desde então, tem pôsto o país a saque. Oliveira Salazar, o ditador sanguinário, que a partir de um dado momento foi arvorado em «conductor» da política das classes dominantes, lançou as bases do «Estado Novo» do «Estado corporativo».

Sã decorridos dez anos de política opressiva e exploradora, e as massas populares dão conta do estado miseravel, de opressão, de fome e de duras necessidades a que as levou o apregoad «Estado Novo». O operário, o camponês, o intelectual, o estudante, as próprias massas de soldados e marinheiros, o pequeno comércio, a pequena lavoura, o possuidor de pequenos haveres, o funcionalismo dos quadros inferiores do Estado, os vendedores ambulantes, e tantos outros sectores que constituem a grande massa da população portuguesa, sejam de que tendências política forem, quer possuam ou não crenças religiosas, são unânimes a confirmar que a sua situação actual é insustentavel e que as suas condições de vida não têm feito mais do que agravar-se de há dez anos para cá.

Que fez o Estado Novo para melhorar, ou sequer para manter um nível humano de vida a todos os que vivem exclusivamente do seu trabalho, seja manual ou intelectual? O que é que ganharam com o Estado Novo os pequenos proprietários de terras, os donos de pequenos estabelecimentos de comércio, os possuidores de pequenos «pés de meia»?

Nada! Pelo contrário: — só perderam!

Os salários e os ordenados têm descido vertiginosamente, os impostos e as contribuições aumentam sem cessar, os juros dos pequenos capitais invertidos em títulos do Estado, diminuem, o desemprego, a fome e a miséria da população atingem proporções nunca vistas e o custo da vida alcança limites jamais conhecidos.

A par desta situação desastrosa a que nos levou o Estado Novo, desenrola-se um panorama de ignóbeis perseguições, acompanhadas de terror mais bestial que este país tem conhecido desde os tempos da Inquisição. Muitas centenas de pró-

sos e de deportados, muitas dezenas de martirizados pelos esbirros policiaes, e cerca de uma dezena de assassinados pela acção bestial da Polícia politica.

A reacção mais infamante contra as tradições nobres e liberais dum povo que tem praticado acções bellas e heroicas o tem criado vultos — os maiores vultos da História portuguesa — que os salazaristas procuram escurecer ante o olhar atónito de todos aquêles que com direito se julgam os herdeiros reconhecidos de tão preciosos tesouros.

Esta é a realidade que ninguém ignora, porque todos a sentem, e nem mesmo a imprensa venal que se encontra ao serviço do Estado Novo, pode esconder a situação angustiosa em que se debatem, sobretudo, as populações camponesas.

O único argumento, se argumentar se pode chamar, que Salazar opte ao reconhecimento do estado miseravel que Portugal vive nestas horas, é o de que elle é devido à crise económica mundial. Essa mentira salada, que apenas serve para mascarar a sua politica de defesa dos interesses dos grandes «tubarões» nacionais e dos ricos capitalistas ingleses, que sugam até ao sangue as massas populares do país, cai pela base quando sabemos que, se o Estado Novo fôsse um governo do Povo não o esmagaria com impostos, não lançaria as suas alcateias policiaes contra elle, e iria buscar aos grandes ricos aquilo que los pobres e famintos faz tanta falta.

A Campanha do Trigo e as suas consequências, é obra da crise mundial? O agravamento dos impostos e das contribuições lançadas para cima dos que nada têm para viver, também? E as perseguições? E os crimes e as atrocidades? A censura à imprensa, o esmagamento de todas as liberdades conquistadas pelo povo durante dezenas de anos? A ausência de subsídios aos desempregados, a diminuição dos ordenados dos funcionários do Estado, a dificultação e encarecimento do ensino e da cultura, as dividas da Federação dos Trigos aos pequenos produtores, etc., etc., tudo isto se deve à «crise mundial»? Não. Tudo este descalabro não é outra coisa senão o fruto da politica de Salazar.

Continuam a viver à larga os grandes monopólios, a grande Banca, e os grandes proprietários do país. A Companhia Carris continua a sugar os 100 contos diários à população lisboeta; a Casa Cadaval, a Companhia Vinicola do Norte do Portugal, Vale do Rio, Companhia da Electricidade, União Fabril, Soto Maior, etc., etc., abarrotam de dinheiro. E Salazar e a sua quadrilha, não fazem mais do que proteger estes «grandes» em prejuizo do resto da população.

São estas e outras entidades nacionais que deviam arcar com as consequências da crise que elles mesmo têm provocado, e é, afinal, a população que nada, ou pouco possui, a quem Salazar esmaga com o peso das suas leis e decretos económicos.

Que grandes obras realizou o Estado Novo durante dez anos?

Construiu estradas e portos? Estradas e portos sempre se construíram, e em todos os países do mundo. Navios e aviões? Para quê? A população passou a viver melhor desde que se construíram? O pão baixou de preço ou aumentaram porventura as riquezas dos que trabalham? Houve já, porventura, algum país imperialista que modificasse os seus desejos de conquistar Portugal com receio da «poderosa» esquadra construída por Salazar? Não; nada disso succedeu. Salazar mandado construir aviões e navios, limitou-se apenas a realizar as indicações dos imperialistas ingleses que tem a necessidade que os seus estados vassallos os possam ajudar na próxima guerra, tal como em 1914-18.

Esta é a dura realidade de dez anos de ditadura aberta e reacção.
(Continua na 5.ª pagina)

Entrevistas do «AVANTE»

O «ESTADO NOVO» EM ANGRA

Bente Gonçalves assina a sua nota de culpa

O que pretendem os algozes

Os presos políticos e sociais encerrados na Fortaleza de Angra continuam sujeitos a um regimen de isolamento completo.

A Ditadura quer sepultar em Angra êsses esforçados combatentes da causa proletária e do anti-fascismo.

Os carrascos do «Estado-Novo» descobriram um processo de materializar a palavra de ordem de Salazar: — «Em Portugal, não pode estabelecer-se um governo de violência»...

Os nossos camaradas, vivem, ali, em condições quasi semelhantes às dos CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO HITLERIANOS.

Presos já com a pena cumprida há mais de um ano; presos sem processo e sem julgamento; cumprindo de grado em Fortaleza dezenas e dezenas de presos que os tribunais condenaram a simples prisão correccional ou de desterro, sem prisão — eis a massa humana que peja a Fortaleza de S. João Batista.

O modo de dar materialização à palavra de ordem de Salazar: — «Em Portugal é impossível um governo de violência» — está em impedir que o mais pequeno clamor dum preso aos seus parentes, transponha os muros dos cárceres de Angra do Heroísmo.

Nestas condições, é comprehensivel que ponhamos em prática todos os meios, em vistas de obter, qualquer noticia acerca dos revolucionários encarcerados em S. João Batista.

Após a chegada do último barco, vindo dos Açores, procuramos abordar alguém procedente da Ilha Terceira.

Efectivamente conseguimos-lo. Nós tínhamos a impressão de que, apesar de tudo, qualquer noticia obteríamos, por este processo, acerca dos nossos presos. Porém, em Angra pouco se conhece, a este res-

(Continua na 5.ª pagina)

O ataque fascista nas escolas

No último número de «Avante!» marcou o nosso Partido a sua análise da ofensiva fascista que se ia realizar n. s diferentes sectores da vida pública, como meio repressivo da crescente radicalização das massas exploradas, como preparativo para a guerra, e como reacção da defesa interna contra as perspectivas Revolucionárias que aumentam dia a dia em vários países. Análises, ent. o, a questão dos vencimentos do funcionalismo e apontou nela como o primeiro duma série de ataques sistemáticos que seriam dar em todos os campos da vida portuguesa.

A publicação do decreto que vem reformar a Instrução Pública veio confirmar a análise que o nosso Partido havia feito.

Que pretende o decreto publicado em 30 de Janeiro?

Isto apenas: a ferozização integral da escola e da cultura.

Por um lado, vai criar o livro único, elaborado por fascistas, em História de Portugal, História Geral, Filosofia e Educação Moral.

Em todos estes campos, portanto, impingir-se-ão aos alunos quantas falsidades ao governo aprovar.

Em segundo lugar, os espectáculos públicos dependerão, inteiramente, do Ministério da Educação. Desaparecerão, por conseguinte, todas as possibilidades de livre desenvolvimento cultural. Isto, quanto à matéria de ensino. No que toca ao pessoal de ensino «ter-se-ão em conta» diz o decreto — as exigências da sua especialidade COOPERAÇÃO NA FUNÇÃO EDUCATIVA. Isto é, o espírito NACIONAL. Sabe-se o que isto quer dizer.

Quanto a Boi-seiros no estrangeiro só lá irão os que «asseguem a colectividade: a SUA INTEGRAÇÃO NA ORDEM SOCIAL constitucionalmente estabelecida» isto é, adiram plena e activamente ao Estado Novo. «Serão, também, concedidas Bolsas de Estudo pecuniárias a estudantes pobres de ELEVADA CAPACIDADE MORAL e intelectual, RIGOROSAMENTE COMPROVADAS».

O Estado fascista que nunca deu Bolsas de Estudo pecuniárias a estudantes pobres vai agora fazê-lo. Em proveito de quem? Evidentemente aqueles que «PELA SUA ELEVADA CAPACIDADE MORAL» sejam espíes e delatores dos seus colegas anti fascistas. Ao estrangeiro irão como Boi-seiros toda a matilha de sabujos literários e pseudo-científicos que para ainda a disputar um emprego melhor enquanto os verdadeiros valores nacionais se perderão por completo. O fascismo odeia a cultura, por que a cultura livre só pode produzir o ódio a um estado opressor dos corpos e das consciências.

No que diz respeito aos estudantes há dois pontos fundamentais em que são ameaçados. Assim, pelo decreto em questão, a educação física, cívica e patriótica, só pode «desenvolver-se integralmente por uma adequada ORGANIZAÇÃO NACIONAL da mocidade portuguesa, formação pré-militar tão necessária à PAZ CONSTRUTIVA como à Defesa Nacional». Assim-se, pois, iniciar obrigatoriamente, a organização fascista das escolas e de todo o Portugal. Das primeiras

sóbre tudo. Dê-te modo, o governo procura criar uma mentalidade guerreira e patriótica, quer, acima de tudo, criar um meio de controlo da juventude que se revolucionariza cada vez mais. Por essa determinação o salazarismo busca um meio de evitar o número crescente de jovens comunistas e antifascistas em todas as escolas de Portugal.

Para acabar o nosso comentário rápido ao decreto: «Em todas as escolas públicas do ensino primário... existirá por detrás e acima da cadeira do professor, um crucifixo, como símbolo constitucional da civilização cristã». Por esta base, o governo impõe um ataque às consciências dos portugueses e mostra-nos como é certo, ele ver na religião católica um auxiliar poderoso da sua política de opressão.

Esta imposição, junta aos benefícios que têm recebido os colégios de ensino particular dirigidos por padres e ao desenvolvimento de seminários e conventos, por todo o país, patenteia-nos os auxiliares com que conta Salazar na sua obra nefasta.

Estamos, portanto, ante as bases do mais terrível ataque que a instrução e a cultura livres sofreram, até hoje, do fascismo, em Portugal. Vão sair os decretos que aplicarão a doutrina legislada pelo ministro Carneiro Pacheco. Ante eles, imediatamente, o nosso Partido dará directivas CONCRETAS que permitam uma luta eficaz. Até lá é necessário que todos os nos. simpaticizantes e anti-fascistas em geral, se unam aos INDISSIDENTES e alcancem das medidas fascistas.

Conquistemos as ruas!

Um dos retrazos no trabalho do nosso Partido é o de não ter sabido, até hoje, treinar as massas na conquista da rua.

Retraza filho das suas fraquezas; do terror da Ditadura; da tendência terrorista da massa, acostuada às lutas anteriores dos Anarquistas, as quais só tinham realização por meio de terrorismo desenfreado e da tendência «putchista» do revirabismo, que se manifesta dizendo que não devemos realizar lutas parciais, nos devemos preparar, em segundo, para o revirabim.

E tanto é assim, que os primeiros comícios relâmpago realizados pelo nosso Partido, deram como resultado somente uma luta desesperada contra a força pública, levando as massas, que deviam ser agitadas pelas nossas palavras de ordem, a fugirem.

No comício relâmpago tentado fazer no 1.º de Maio de 33, antes mesmo que o camarada indicado para falar o fizesse alguns camaradas da base, vindo um polícia, lançam-se em altos gritos sobre ele dizendo: «Mata-se». Começou logo oroteio, o emprego da bomba, e, os operários regressavam das fábricas, e que podiam ser agitadas pelas nossas palavras de ordem resolveram fugir, para não serem atingidos pelas balas das retralhadoras da polícia.

A base do nosso Partido ainda não assimilou o que é o comício relâmpago. Compreende somente que o comício relâmpago é já no melhor dos casos, uma luta superior ou que é somente para se desforçarem com elementos da força pública. Não compreendem

inda que o comício relâmpago é um meio de que nos servimos, dentro de mais estreita ilegalidade, para, junto das massas, rápido mas claramente, mostrarmo-lhes e colorarmo-lhes as nossas palavras de ordem, indicando-lhe: «meus de lutarem pelas suas conquistas. Isto tem de ser feito de maneira que as massas não falam; o que nos interessa sóbre tudo é que as nossas palavras de ordem sejam assimiladas por ela».

De princípio, quando não está habituada e nas condições presentes do fascismo, as massas atemorizam-se com o comício relâmpago e fogem. É o caso do comício à porta das construções Navais, em Lisboa.

Não devemos desanimar com isto e não inuar porque, uma vez que nos despirmos de todo o terrorismo, realizando, como o nome indica, o comício em 3 ou 4 minutos, não usando dum palavreado óco e abstracto, mas tratando os problemas fundamentais da massa dessa empresa indicando-lhe processos de luta, e distribuindo-lhe manifestos e diademas aos operários dela, lentamente a massa perderá o medo e será ela própria que depois realizará a tarefa do agitador.

Este caso não aparece esporadicamente em Portugal. Ele apareceu em quasi todos os países capitalistas e só uma persistência neste trabalho treinou e habituou a massa. É o caso sóbre tudo das Américas Latinas onde, como em Portugal, existiam largs tendências terroristas que al stavam as massas. Só um trabalho continuo, neste campo, do Partido Comunista se levou a assimilar as suas palavras de ordem, a ganharem a confiança nos seus Partidos de classe e, ainda mais, a perderem o medo da luta e começaram ganhando a rua.

Se isto for conseguido com a realização sistemática, periódica, então, e só então, criaremos as condições precisas para as massas perderem todo o receio e um novo período de luta se abrirá, mais intenso e superior, contra a Ditadura, por meio de grandes manifestações de massas.

Não temos sabido aproveitar dezenas de casos que se poderiam transformar em verdadeiras manifestações de massas. O im, isto aos vendedores ambulantes levantou grandes indignações. Pequenas lutas espontâneas se desenvolveram. No mercado da Ribeira Nova, em Lisboa, nos primeiros dias da execução deste imposto, quando a policia Municipal procedia à sua cobrança, grande grupos de varinas se negaram a fazê-lo e, até mesmo chegaram a agredir os agentes de impostos.

Porém, não sabemos aproveitar esta bela oportunidade; nada se fez e, a luta espontânea das varinas, como não foi organizada e apoiada, foi vencida.

Presentemente, o Governo tenta solucionar o problema dos desempregados, dos famintos através do Socorro de Inverno. Além de toda a campanha de desmazaramento da ideologia fascista, temos que agitar, com as nossas palavras de ordem, essas grandes massas de desempregados.

A aglomeração destes desempregados à porta das cantinas, para

Perguntas e Respostas

P—Porque razão são os salários na URSS, desiguais? Não é isso uma contradição do Comunismo?

R—Na URSS existe, realmente, a desigualdade de salários, mas isso não representa uma abdicção dos princípios comunistas.

Nunca, nos escritos teóricos de Marx, Engels e Lênine, se disse que na fase socialista se daria «a todos um salário igual» ou «a cada um segundo as suas necessidades». O primeiro «a todos iguais» seria uma injustiça porque há quem trabalhe mais que outros e, portanto, iria o produto do seu trabalho reverter a favor dos que não quizessem esforçar-se tanto. «A cada um segundo as suas necessidades, e de cada um segundo as suas possibilidades» — é o objectivo que se propõem os comunistas, na fase comunista da sociedade sem classes e sem Estado.

Então, quando da mentalidade dos homens desaparece o todo o preconceito de exploração e o «trabalho é um trabalho» a produção elevada ao máximo permite a supressão dos salários e do dinheiro. Cada um gasta segundo as suas necessidades e trabalha segundo as suas possibilidades. O Estado que já não tem razão de existir, por terem desaparecido as classes, é eliminado. E' o comunismo puro. Mas a este estado de desenvolvimento económico e cultural não se chega de um salto. Por isso que desenvolver as condições económicas e políticas que a venham a permitir. Por um lado o proletariado toma o poder e exerce a sua ditadura, cria o seu Estado; por outro, organiza-se segundo um plano, a produção e seu desenvolvimento. Como as suas necessidades são enormes nessa fase (fase socialista), em virtude do estado de miséria em que o mundo vive a sociedade capitalista, compreende-se que a produção não permita satisfazer, TOTALMENTE, TODAS as necessidades MATERIAIS e CULTURAIS das massas. Daí, só haver um meio justo de estabelecer o equilíbrio entre a produção e as necessidades dos trabalhadores. Esse meio é: dar a cada um segundo o trabalho realizado, o mais de retirada uma parte para renovação do material e receita social. Então, como diz Marx, já há uma justiça relativa que é completada pelas obras de assistência social, inteiramente gratuitas, com que o Estado proletário alivia o orçamento de todos os trabalhadores.



DAS FABRICAS E DOS CAMPOS

Contra a exploração em Val de Figueira

VAL DE FIGUEIRA—Nesta povoação, como em toda a parte, a exploração dos camponeses é aviltante.

Os Senhores da terra, Infante da Câmara e mais quatro exploradores, exploram os camponeses como entendem, sem que os dirigentes do «Estado Novo», intervenha em benefício dos explorados.

Os exploradores entendem sem o «Estado Novo» que é deles e os ajuda na exploração pela força das baionetas. Assim, os senhores da terra, em Val de Figueira, apoiados na ditadura feroz de Carnim-Salazar, não esquecem as leis de «protecção» aos trabalhadores (salários de 6000 e 4000 por dia de sol a sol desempregado quasi total, etc.). «Venha a nós a vossa pele», é aqui, o lema dos exploradores. Infante da Câmara, é o que mais se distingue na exploração; para os camponeses salários de 6000, o máximo, de sol a sol. Isto aos camaradas casados. Para os que não têm encarregos de família é de 5000, e já este senhor não contente com a exploração que exerce, diz que, muito em breve, vai passar este último para 4000.

Os salários acima apontados, são pagos a trabalhadores que estão sujeitos somente ao trabalho que houver, sendo despedidos mal ele acabe.

A exploração deste senhor não fica por aqui. Os chamados criados que têm trabalho certo no amanho da terra e nas cavalariças, recebem 4000 por mês e têm uma pequena percentagem em cereais que equivale a 3000 por dia, também de sol a sol. Nesta quadra do ano (inverno) a maioria dos trabalhadores não têm trabalho ou estão sujeitos ao regime de 2 e 3 dias por semana.

Como o Infante da Câmara é um dos maiores Senhores na terra, é frequente ver os camponeses dirigirem-se-lhe pedindo trabalho, e este senhor, com ar fanfarrão, responde-lhes: «Se acedo aos pedidos de todos os camponeses que me pedem trabalho, isso seria um barbarismo porque me punha a pedir esmola de porta em porta com alforças às costas».

Camaradas, que estais sujeitos à exploração deste ou de outro qualquer canalha: Alerta!

É preciso não esquecer este lema: quem os seus inimigos poupa às mãos lhe vai parrar.

Portanto, o que é preciso fazer para acabarmos com os nossos inimigos de classe — os exploradores?

Organizar a luta, pelas nossas reivindicações económicas e políticas imediatas; aumento de salário, seis dias de trabalho por semana, ou subsídio suficiente para manutenção das nossas famílias, contra a guerra, pela liberdade de imprensa e reunião, etc.

Camaradas explorados, aderi em massa ao Partido Comunista!

Viva o Partido Comunista!

Viva a URSS, pátria dos trabalhadores do mundo inteiro!

LADROEIRAS DESCARADAS

É do conhecimento de toda a camaradagem que qualquer navio, quando sai do seu país leva todos os mantimentos necessários para a viagem.

Mas quando se nota o escaçamento de qualquer género alimentício o comandante tem o dever, no primeiro porto a que o navio chega ou no porto mais próximo que encontra, de ir comprar tudo quanto é necessário para a tripulação.

Portanto, Camaradas! Qual o motivo porque muitas vezes a tripulação nota a falta de géneros indispensáveis? Se alguém da tripulação não fala ao comandante, este esquece-se de comprar, dando a comida deteriorada, e se algum tripulante reclama é ameaçado com a prisão e trata de dizer ao dispensário que compra nas seguintes ordens: «Se a tripulação recusar a comida, o sr. por sua vez não se preocupe com tal coisa e na refeição seguinte, dê precisa e em abundância a mesma comida».

E aí está um tripulante a comer a comida deteriorada, sem vinho, e sempre a mesma bodega, e a tudo o que esnaite de bandidos e malleitores, entende, quando a companhia paga todas as despesas que o navio faça em qualquer porto. Assim, os «senhores» comandantes, apresentam despesas na companhia: sem mesmo as fazer, como se deu na viagem passada do navio português «Cunene».

E deu-se ainda escândalo maior houve falta de vinho a bordo, mas só para a tripulação menor, mas como um camarada reclamou dizendo: ou lá vinho para todos ou então não há para peço a nenhuma, o comandante respondeu que o vinho naquele porto era muito caro e portanto não se comprava ali vinho.

No porto seguinte, compraram então vinho extraído de amora, mas só deu vinho à tripulação depois de ter saído daquele porto e quando faltavam três dias para chegar a Lisboa, dando 2 litros a cada refeição para cada tripulante, para que se algum aparecesse ao serviço embriagado, o mandar prender mal chegasse a Lisboa.

Todos os camaradas deverão unir-se contra estas explorações dos comandantes ou das companhias. Unidos, podem evitar muita opressão.

Avante camaradas! Defendamos os nossos interesses contra os nossos exploradores.

Viva o Partido Comunista Português!

Mau Caminho...

SACAVEM—N. Fábrica de Louça de Sacavem, o patrão viu um rapaz pequeno que, farto e cansado de trabalhar, meteu, fora da hora da refeição, um bocado de pão na boca. Por este «horível crime» foi suspenso por duas semanas.

São tantos os encarregados e as ordens recebidas tão severas contra os que trabalham, que por tudo são multados, por qualquer simples motivo são suspensos ou despedidos, dando lugar à maior miséria.

O principal patrão só vem à fábrica dentro do carro mais luxuoso e do maior preço que há, enquanto os operários que tudo produzem se vão debatendo com a miséria, e com os vexames da vida.

Existe na fábrica uma maternidade. A's criancinhas é fornecido leite mas desdobrado com água. Como uma mãe dissesse que o seu filho estava enfezado, foi despedida.

Nesta fábrica, um homem válido de 35 anos já não tem entrada. Para uma ex-linha intensa só convêm os mais novos e fortes para melhor se remarrinados.

Camaradas: Unam-nos na nossa secção sindical! Aderi ao Partido Comunista, defensor de todos os explorados.

A Crise resolve-se... à custa dos operários

Na Metalurgia e Serralharia mecânica de Júlio Gomes Ferreira, Lisboa, trabalham cerca de 80 operários, entre oficiais, ajudantes e aprendizes. Os oficiais ganham entre 10 e 17000, havendo alguns a 20000, os ajudantes a 10000 e aprendizes a 2500 e 5000.

Como as cousas não lhes correm muito bem e os patrões não querem reduzir o luxo e os ordenados dos engenheiros (entre 3 e 4 contos) e o do encarregado geral (40 escudos por dia) vão de não pagar com pontualidade ao pessoal que anda com 2 semanas, já, em atraso.

Quando algum operário reclama fica na iminência de ser lançado à rua.

O roubo não fica por aqui. Existe uma caixa de reformas, produto do desconto nos salários dos operários. O dinheiro dela anda em serviço dos patrões e se um operário pede algum dinheiro da mesma é-lhe recusado.

Melhoramento das condições higiénicas—nenhum. Sabem que a fiscalização do Estado Novo é uma burla em seu favor.

Na Fábrica «VULCANO»

LISBOA—As condições higiénicas e de bem estar do pessoal são aqui nulas. Os lavatórios são ninhos deitando uma água que vem de um tanque existente no terraço onde adroscam gatos e ratos.

Uns armários para a roupa, que por lá há, são uns miseráveis caixotes de 20 a 25 centímetros, sem fe-

chaduras e com buracos por onde entram os ratos.

A nossa roupa fica estragada.

O engenheiro pro-neteu, há 3 meses, mandar arranja-los e até hoje, nada.

Ex-jamos condições higiénicas em todas as secções da Empresa.

PROEZAS do dono da Peniche

PENICHE—O sr. Madeira, gerente da Fábrica Fialho desta vila, é, ao mês no tempo Presidente da C.A. da Câmara, membro da Com. concelhia da U.N. Foi até há pouco Administrador do concelho e sempre um grande patife.

Um exemplo: O operário António Pires, homem já idoso, trabalhava na fábrica Fialho, viu-se forçado a procurar trabalho em virtude do Madeira não lho dar há 15 dias.

O Madeira, com o prazer de ver António Pires na miséria, convenceu o gerente de outra fábrica a negar-lhe trabalho. Porém o António Pires, consegue entrar na fábrica.

O Madeira, que então era administrador, apresentou-se no tribunal de Caldas num julgamento, que António Pires era o queixoso.

Serviu de testemunha do agressor e, com a sua influência, fez que António Pires, o agredido, fôsse condenado a pena igual à do agressor.

Outro exemplo da sua bondade:

No número de Julho deste jornal relatámos outra proeza do Madeira. Ele leu, releu e irritou-se. Ardendo em raiva, disse a um dos seus operários: «meu malandro, tu és chefe, tens de descobrir, quem escreveu aquilo no jornal. Arma-te em polícia e não voltes cá enquanto não descobrires quem escreveu o artigo, se queres ter trabalho».

E assim lançou mais um operário no desemprego.

Operários da Fábrica Fialho: univ-vos contra a violência do Madeira! Formai a vossa secção sindical! Aderi ao P.C.!

Um explorador!

LISBOA—A firma Jaime Corteia Limitada, da Rua Antero de Quental, 37 A, dedica-se à indústria da fabricação de estojos.

É seu proprietário Jaime Correia, antigo encarregado da firma Frederico Costa. Foi nesses tempos um verdadeiro carrasco para o pessoal. Depois, voltou a trabalhar como operário de estojos. Atraído, então, os seus camaradas em greve. Conseguiu promover-se a industrial de estojos com uma oficina onde trabalham 14 pessoas que são vítimas da sua exploração e dos maus tratos com que ele e a mulher, se lembram de os atormentar.

Ainda há pouco despediu uma camarada, com um pretexto que ele próprio originou, e a mulher dele como lhe desagradasse certo camarada, conseguiu que o Correia afrontasse esse camarada rompedor-lhe o trabalho na sua frente. Como o nosso camarada respondesse dignamente a este insulto, foi atirado para a rua.

Estas e outras proezas em que este senhor Jaime Correia é useiro, evitar-se-ão quando todos os estojeiros e estejeiros se unam todos para impedir qualquer patifaria que este patrão ou outro se lembrem de praticar.

Pela união de todos os estojeiros!



NA URSS

PLANO ECONOMICO

O Comité Executivo Central da URSS reuniu-se em sessão o diário, a 10 de Janeiro no Kremlin. Ao abrir a sessão, o camarada Kalinine, presidente do C.E.C., disse, no seu discurso inaugural que 1935 trouxe à URSS: «Sucessos maiores ainda que os de todos os anos precedentes, no duplo aspecto da edificação económica e cultural. Pela primeira vez as massas trabalhadoras sentiram com uma tal força os resultados materiais imediatos da revolução proletária».

A ordem do dia da sessão era o exame do plano económico, do orçamento de 1936 e a leitura do relatório do Commissariado do Povo para a alimentação.

Os relatórios sobre o plano da economia nacional foram apresentados pelo camarada Molotov, presidente do Conselho dos Commissários do Povo, e Mejlauk, da Comissão do Plano.

O Balanço de 1935

Os resultados concretos do ano passado manifestam-se pela ULTRAPASSAGEM DOS PLANOS, o aumento da produção em todos os ramos de indústria e nos transportes.

A colheita de cereais ultrapassa 5 bilhões e meio de puds (16,4 95). As armazenagens e compras de trigo, terminadas ANTES DA DATA FIXADA, deram ao Estado um importante aumento dos seus stocks de trigo. A produção do algodão e da beterraba aumentou consideravelmente. A criação de gado desenvolve-se rapidamente.

Mas o resultado mais importante do ano passado é o movimento Stakhanov que fez conhecer num lapso de tempo brevíssimo, milhares de homens novos que realizaram belos progressos, sob o aspecto de conquista da técnica.

Estes resultados explicam-se, primeiramente, pelos progressos dos transportes por caminhos de ferro que se tornam um dos factores decisivos da edificação socialista e aceleram todo o processo de circulação no organismo económico da URSS.

Em segundo lugar estes mesmos resultados do desenvolvimento da economia monetária e da consolidação do rublo.

O terceiro factor dos progressos da economia da URSS foi a PROGRESSÃO RAPIDA DO BEM-ESTAR DA CLASSE OPERÁRIA E COLCOZIANA. Em 1935, mais que nunca antes, as grandes massas trabalhadoras sentiram a estreita ligação que existe entre os progressos da economia socialista e o aumento do seu bem-estar material.

O Programa gigantescos de 1936

Os objectivos do 2.º plano quinquenal serão ultrapassados.

A indústria deve fornecer uma produção de 81 bilhões de rublos, isto é um aumento de 23 por cento quando precedentemente estava em atraso sobre a progressão dos outros ramos da economia soviética. Para a alimentação e indústria florestal, o crescimento da produção será de 22 por cento.

Na agricultura, tem-se a intenção

de obter em 1936, uma colheita de 6 bilhões e 300 milhões de puds, devendo dar-se um aumento de 14 por cento para o algodão, de 42 por cento para o linho e de 57 por cento para a beterraba.

O apetrechamento técnico da agricultura desenvolve-se. O programa da construção de máquina agrícolas eleva-se a 1 bilhão de rublos.

Desaparcimento das classes

A execução do enorme programa de 1936 poderá ser realizado PORQUE A ECONOMIA SOVIÉTICA É INTEIRAMENTE SOCIALISTA. Já não há capitalistas, grandes ou pequenos, em nenhum ramo de economia da URSS. O objectivo político fundamental do 2.º plano quinquenal a LIQUIDAÇÃO DOS ELEMENTOS CAPITALISTAS E, EM GERAL, DE TODAS AS CLASSES, é prosseguido com sucesso. Sem dúvida, existem ainda elementos hostis pela sua essência social. São ainda em número avariado. Mas se considerarmos a base social do Estado e a harmoniza-se plenamente com o facto de que toda a economia se tornou socialista e, neste sentido, o problema da liquidação de classes está resolvido.

Ano de progresso geral do bem-estar

O programa da nova profissão da economia soviética é também o programa do progresso geral do bem-estar. A receita do Estado aumentará em quasi 27 por cento. O FUNDO PECUNIARIO DOS SALÁRIOS aumentará 13 por cento, com um aumento de 8,5 por cento na média dos salários. O número de operários e empregados aumentará um milhão.

Para o orçamento de seguros sociais o aumento será de 8 bilhões de rublos, dos quais 3 serão em-

O primeiro tecnico agrícola foi aberto na república dos Kara-Kalpak.

A imprensa de Moscovo noticia que foram terminados no segundo semestre de 1935, 149 edificios com a superficie habitável de 181.000 quadrados.

Os operários dos matadouros industriais de Moscovo festejaram a inauguração de novas secções cuja capacidade de produção diária é de 106.000kgs. de salsichão e 134.000 kgs. de enchidos varios. Trabalham nelas 2.000 operários.

Contam as Izvestia que no correio central de Moscovo se aglomeram as encomendas de generos alimenticio (manteiga, torcinho, chouriço) enviados para a Alemanha por alemães que trabalham na URSS. Isto prova a vida miseravel que há na Alemanha, onde faltam os generos mais necessários à alimentação. Extratamos das Izvestia: «No fim de Novembro, iam para a Alemanha somente algumas encomendas diariamente. Hoje, de Moscovo, saem pelo menos 80.

Muitas encomendas postais com alimentos são, também, enviadas para a Alemanha, da República dos

pregados na construção de casas de habitação (aumento de 60 por cento).

Mas os objectivos de 1936 não consistem só num progresso do bem-estar: trata-se de elevar o nível técnico da classe operária, e o nível cultural de toda a população.

Elevação do nível do cultura

Traza-se, de acordo com a decisão do Pleno do C.C. do P.C. da U.R.S.S. «De tornar obrigatório e generalizar o ensino do minimo dos conhecimentos técnicos a todos os operários».

Aumentar-se-á a construção de escolas.

Tomar-se-ão todas as medidas para acelerar a elevação do nível de cultura das REGIÕES ATRAZADAS sobretudo as REGIÕES NACIONAIS que sob o antigo regime estavam votadas à ignorância. O governo concede muita atenção à organização do trabalho científico. Lénine dizia que para SUPLICAR COMPLETAMENTE AS CLASSES seria necessário suprimir ao mesmo tempo a diferença entre as cidades e os campos e a diferença entre trabalhadores manuais e intelectuais. Lénine fazia notar que era uma tarefa delicada e de longo fôlego.

A solução dos problemas ensinados por Lénine depende, antes de mais nada de uma organização hábil do nível da cultura técnica da classe operária e da elevação do nível de cultura dos campos Kolchozianos.

«Este ano diz Molotov — deveremos realizar um verdadeiro progresso bolchevique na solução destes importantes problemas. Serão executadas tarefas gigantes mas elas estão à altura das forças do Pais dos Sovietes».

(Traduzido da Moscovskaia Gazeta)

Alemães do Volga, de Kiev e outras regiões.»

Durante alguns meses, brigadas da Academia das Ciências colheram em vários pontos da região de Moscovo espécimens do folclore local.

Estas investigações vão permitir publicar dois volumes de lendas e canções populares que serão classificados por assuntos.

A aldeia de Kryvitchi (Rússia Branca) era um povoado de analfabetos, dizimado pela tuberculose. Hoje, diz «O Operário» jornal de Minsk: «Este kolkoze deu ao pais dos soviets 12 engenheiros, 90 professores, oito agrónomos, 3 médicos, 4 homens de ciência e mais de 50 jovens da aldeia seguem actualmente, cursos superiores».

Uma Casa da Imprensa, foi inaugurada em Elista, capital da república dos Kalmuques. Será ao mesmo tempo um clube de jornalistas e a sede das redações do periódico.

A fábrica Tiniakov, em Karkov, acaba de fundir o seu conservatório privado com aulas de piano, violino, instrumentos populares e

No 'paraíso,

SALAZARISTA

VILA REAL DE SANTO ANTONIO — Segundo editais mandados afixar pelas autoridades, vai ser distribuída só para os operários mais necessitados. Alguns das pessoas (e cá!) na via pública, com vertiginosa produzidas pela falta de alimentação.

A GUARDA REPUBLICANA A PÉ E A CAVALO ESTÁ A PATRULHAR AS RUAS DESTA VILA.

ALCOROCHEI. — Os vinhos continuam sem procura. Quasi todos os proprietários têm duas colheitas na adiga. Como, por outro lado, a Federação ainda não tirou os trigos, começa a sentir-se grande crise de trabalho.

CASTRO DAIRE — Esta região atravessa uma grave crise. Os agricultores, que não têm dinheiro, por não conseguirem vender os seus trigos, não podem dar trabalho aos rurais.

MARGEM (GAVIÃO) — Chama-se a atenção de quem de direito para a crise de trabalho que há nesta freguesia e que atinge 150 a 200 rurais. Os poucos que encontram serviço ganham por dia 4\$00 e trabalham apenas 3 dias por semana.

CHÃO DE MAÇÃS — Há muita gente sem trabalho, porque os pequenos lavradores não têm dinheiro para os serviços agrícolas.

MONTARGIL — O regedor da freguesia tem sido procurado por trabalhadores que lhe solicitam trabalho. Apesar dos irrisórios salários de 6\$00 diários, uma centena de chefes de família está sem trabalho.

POVOA DE CERVÁES — Com a proibição do plantio de videiras, os trabalhadores debatem-se numa crise atrozíssima.

MARZAGÃO — A classe operária continua a braços com a falta de trabalho.

PRAIA DA ROCHA — Continua a falta de trabalho. O consórcio das conservas ainda não pagou as férias da semana finda.

ENTRE OS RIOS — Os barqueiros e trabalhadores, devido à falta de trabalho, pedem esmola para o seu sustento.

canto. A duração dos estudos é de 3 anos. Uma centena de trabalhadores inscreveu-se no conservatório.

O Instituto de Metais da fábrica «Fouze e Martelo» de Moscovo acaba de conceder diplomas de engenheiros ao primeiro grupo de operários da fábrica, que terminaram os seus estudos sem deixarem o seu trabalho produtivo. Os jovens engenheiros apresentaram e defenderam testes sobre a manutenção das aços ante uma comissão presidida pelo professor Grigorovitch.

De 10 a 12 de Setembro do corrente ano, realiza-se em Moscovo o «Quarto festival Teatral».

O programa compreenderá: novas representações nos melhores Teatros de Moscovo.

(Da Moscovskaia-Gazeta)



A FRENTE POPULAR

Continuado da 1.ª página

nária do gr. nde Capital, dos grandes proprietários.

AFrente Popular, instrumento do povo para a sua libertação das garras da fome e da reacção.

O «caso português», porém, não é único na história contemporânea dos povos. Também na Itália, na Alemanha, e noutros países foram instituídos os chamados «regimes de ordem» cujos processos e finalidades se assemelham aqueles que orientam Salazar e a sua quadrilha. E naquelas nações onde as forças reacçãoárias não conseguiram conquistar o poder, aumentam da parte destas as provocações, os crimes e as tentativas para varrerem os restos das liberdades democráticas, e para mergulhar as populações nacionais no maior obscurantismo e na mais negra sujeição e nas aventuras guerreiras dos imperialistas. Assim por exemplo, sucede isso em Espanha, França, Inglaterra, etc. Desejamos, no entanto, chamar particularmente a atenção para a experiência alcançada nos dois primeiros países mencionados, isto é, em Espanha e em França. Nestes países, as massas operárias e populares forjaram poderosas frentes comuns de luta, através o estabelecimento de programas concretos entre as organizações mais representativas das massas populares, e que são ao mesmo tempo aquelas que guardam as tradições mais puras das liberdades e demais conquistas que os povos da Espanha e da França alcançaram em mais de um século de lutas contra as forças tenebrosas da reacção clerical e aristocrática.

Tanto em Espanha como em França, as massas populares têm alcançado vitórias brilhantes sobre os representantes dos fascismos respectivos, e a sua união na luta constituiu uma barreira infranqueável que o fascismo não pôde ultrapassar enquanto essa união se mantiver e enquanto a vigilância e a luta diária pelas mais pequenas coisas estiver na base da sua existência.

Há bem poucos dias ainda, recebemos a notícia da vitória da Frente Popular, em Espanha quando das eleições. O Povo espanhol que em 14 de Abril instituiu a República e que em Outubro de 1934 ofereu a sangria provocada por Gil Robles, Lerroux, etc., levantou-se agora em péso para libertar os 30.000 presos políticos e para instaurar um governo de Frente Popular que impeça o advento dum

Continua na 6.ª página

Subscrição permanente para o «Avante!»

Transporte.....	170,00
Presos de Angra.....	137,50
«do Peniche».....	62,50
«do Govern. Civil».....	41,00
C.L. de Abrantes.....	10,50
Um do Arsenal.....	20,00
Compasso do Arsenal.....	2,50
Um advogado.....	1,00
Uma camarada.....	1,00
A. B.....	3,50
De um tróço.....	2,50
De «Grupo R.R.».....	32,00
Transportar.....	41,50

O VIII Congresso do P.C. Francês

Reuniu-se no passado mês de Janeiro, o Congresso do P.C.F. E o I.º Congresso dumha secção da I.C., depois do 7.º Congresso Internacional. Dá-se ainda a circunstância de ser, precisamente a secção francesa da Internacional, aquela que no VII Congresso foi apontada como modelo da luta anti-fascista. Não podemos, infelizmente, dar neste número uma sùmula dos trabalhos apresentados. Contudo, para que se vejam bem os progressos do movimento comunista em França, tiramos do Relatório de Organização os seguintes dados: Em OUTUBRO DE 1934, o P. C. Francês contava 2.725 células, das quais 586 eram de empresa, em JUNHO DE 1935 as células eram 3047, das quais 738 de empresa, e no fim do ano (depois do 7.º congresso da I. C.) o número de células elevou-se a 4321, das quais 776 de empresa. Em resumo: Em 14 meses o número total de células aumentou 4506, e o número de células de empresa 190. Não se podem negar os progressos reais de Organização do P.C. Francês, que, aliados à tática estabelecida no seu Congresso, e firmados na linha da luta anti-fascista tão orihinalmente definida por Dimitroff, conduzirão à derrota do fascismo francês e ao estabelecimento da Democracia Popular.

Aos intelectuais de todo o mundo!

NOBIL DOS PRÊSOS ANTI-FASCISTAS DA PORTUGAÇA DE ANGRA

Um grupo de intelectuais estrangeiros enviou a Carmona e à Assembleia Nacional, um protesto contra as condições em que se encontram os presos anti-fascistas. Os 200 presos de Angra — o cemitério fascista no Oceano — escreveram o seguinte apêlo aos intelectuais anti-fascistas de todo o mundo:

«Apesar de sequestrados em pleno Oceano Atlântico, rodeados de nar, muralhas e espiogadas por todos os lados, também aqui chegou a notícia do vosso protesto em defesa das nossas vidas e liberdade. Foi um novo incentivo.

Não desistais. Prossegui, sem lesarimo, contra a tirania dos nossos verdugos e assassinos que, não contentes com as hediondas torturas que nos infligiram na policia politica, continuam saciando em nós a mais vadez dos seus instintos.

No dia 1 de Maio de 1934, o nosso carrasco directo, o tenente Gabriel Toledo da Costa — o Hitler — acobardado pelo actual comandante do Depósito, capitão André Pacheco, prossegria na consecução dos planos tenebrosos arquitetados pelas figuras sinistras do capitão Paz, tenente Adelino Soares e major Alvoim — este último só agora conhecido, apesar das suas hediondas patifarias contra os presos, datarem de 1933 e ser ele o chefe máximo occult, de todos os crimes aqui perpetrados!

Esta: alerta! Defendei-nos, defendei as nossas vidas e liberdade! Denunci a todo o mundo a mentira do «Estado-Novo»; rasgai o véu da demagogia com que por toda a parte o Secretariado da Propaganda pretende esconder a pobreza, a miséria e a fome e a opressão que vivem os trabalhadores em Portugal; revelai a toda a gente o

O «ESTADO NOVO» EM ANGRA

Continuado da 1.ª página

peito, ou, pelo menos, a título respectivo nada conhecida o nosso entrevistado.

Em contrapartida este conta-nos algo que vamos arquivar nas colunas do nosso jornal.

A politica do «Estado-Novo» faz-se sentir, igualmente, em Angra, por meio dum agravamento das condições de vida da população laboriosa, do seu pequeno comércio e da sua pequena industria. Os rumores contra uma tal situação crescem, na ilha, dia a dia.

Ante a necessidade de contrarrestar este ambiente de indignação de massas contra a Ditadura, as autoridades de Angra empreenderam, há pouco, ali, uma vaga de terror fascista.

Eis aqui, o que nos contou o nosso entrevistado:

Nos começos de Fevereiro p.p. o comando da policia de Angra ordenou várias buscas domiciliárias e efectuou várias prisões.

Conta-se — prosseguiu o nosso interlocutor — que, até 4 mulheres, esposas das presos encerrados em S. João Balista, foram igualmente incomodadas: duas levadas à policia e outras duas passaram-lhe rigorosa busca ás suas casas. Foram visadas umas 40 pessoas. Parece que várias delas foram maltratadas

pela policia. A policia tinha em vista apurar quem são os comunistas na ilha. Sucede, porém, que ao cabo de vários dias de prisão, toda essa gente foi posta em liberdade.

Ao que me consta a própria policia assustou-se com a qualidade dos presos — vários deles são da classe média. Além disso, este FEITO da policia tornou-se antipático para toda a população da ilha.

Corria em Angra que umas 40 processos estão sendo elaborados e que a policia local espera que o Tribunal Especial intervenha no assunto, para fazer vir essa gente para Lisboa.

Eu não tenho relações pessoais com os partidos que combatem a Ditadura. Mas digo-lhe uma coisa:

Se assim procederem é deshumano. A população de Angra já se manifestou contra as prisões feitas arbitrariamente pelo Comando da Policia. Mais reprovável, por consequência, que lhe arranquem os seus filhos para os encarcerarem, aqui, no continente.

.....
Ao mesmo tempo recebemos a notícia de que Bento Gonçalves recebeu uma «nota de culpa» e o convite para fazer a sua defesa, por escrito, no prazo de três dias. Este procedimento, original nos processos do Estado Novo, vem mais uma vez patentear a maquinação que se prepara para condenarem a duras penas, tanto Bento Gonçalves como José de Sousa, Julio Fogaça e Borges Sealeiro, este último e J. de Sousa já condenados em processos anteriores. Os verdugos fascistas querem levar a efeito um processo contra o Partido Comunista e a União Soviética, mas pretendem fazê-lo... sem a presença dos condenados! Eles sabem que a evagadora revolução nária dos quatro camaradas apontados não lhes permitiria praticarem as mais desparatadas trapalhadas contra as próprias leis fascistas, contra a razão e o direito «constitucional». Eis porque o processo dos 4 heróicos camaradas está sofrendo os mais ignóbeis arranjos com a colaboração da Policia e dos juizes, para atingirem o fim que pretendem.

Claro está que só a acção decidida dos trabalhadores conseguirá desfazer todas as maquinações que se preparam, exigindo estes um julgamento público, na metrópole, dos 4 camaradas. A angustiação de fundos para as despesas deste processo é uma forma de políermos, também, responder ás investidas do fascismo.

Todos os trabalhadores amigos do Partido e anti-fascistas sinceros, responderão no nosso apêlo, subcrevendo nos colunas do «Avante!» para as despesas do processo.

A seguir, damos a nota das importâncias já recebidas para este efeito:

«Avante!».....	50,00
M.....	5,00
S.....	5,00
R.....	5,00
A.....	5,00
F.....	5,00
C.....	5,00
X3.....	5,00
B.....	5,00
V.....	5,00
A TRANSPORTAR.....	95,00

que é a nossa vida afitiva de presos anti-fascistas! Denunci ai ao mundo inteiro os castigos corporais a que somos sistematicamente submetidos: O CALEJÃO — vasta ex-cavaleriça tão húmida e infecta, onde nem os cavalos resistiam — e A POTERNA — gruta talhada na rocha a 8 metros de profundidade, bafiente, húmida, cheia de lama e excrementos — para onde nos ATIRAM depois de espancados e feridos pelos esbirros da Guarda Nacional Republicana!

Prêso, sem culpa formada; prêso, com as penas terminadas há um ano; simples desterrado, e em prisão permanente; degradado, constantemente encarcerado nas mais perniciosas condições de existência — todos afastados do mundo dos vivos, subtraídos à vigilância das massas trabalhadoras anti-fascistas, rigorosamente incomunicáveis e a todo o instante insultados e espiados, pedimo-vos aceiteis as nossas mais efusivas saudações anti-fascistas, contra a tirania e a opressão.»

Os 200 anti-fascistas presos em Angra.

Conquistemos as ruas!

Continuado da 2.ª página

receberem as sôpas, alargam as nossas possibilidades de trabalho. Agitamos ali as nossas palavras de ordem sobre os desempregados: subsídio no desemprego; pelo não pagamento de rendas da casa, etc.. Fazemos ali o eixo do nosso trabalho entre os desempregados, organizando os respectivos comités em luta pelas suas reivindicações.

Para a realização deste trabalho é necessária a iniciativa da base, nas próprias comissões de agitação e propaganda, nos C.L. e C.R..



O GOVERNO DE SALAZAR REDUZ OS CAMPEZES A MISERIA!

A politica cooperativista dos trigos!

Quando da saída do decreto que regula as condições e preços da venda dos trigos, o nosso Partido denunciou essa nova manobra do Salazarismo, mostrando o seu verdadeiro alcance e pondo o proletariado e os pequenos produtores em guarda contra as consequências que fatalemente acompanhariam tal decisão governamental.

Em seguida à publicação da «nota oficiosa» de Salazar, cheia de ameaças aos produtores de trigo e trazendo como solução do problema da acumulação de trigo, a sua destruição, também o nosso Partido publicou um manifesto largamente distribuído nas regiões produtoras, em que alertava os pequenos lavradores e trabalhadores rurais contra a ameaça fascista. Nesse manifesto, o Partido Comunista desvendava a monstruosidade que ia representar a destruição, por qualquer forma, de centenas de milhões de quilos de trigo que os trabalhadores portugueses tinham arancado à terra com o seu suor.

A monstruosidade criminosa que havíamos denunciado, realizou-se!

O GOVERNO ACABA DE AUTORIZAR A EXPORTAÇÃO DE FRIGO. Que representa isto? Vai Portugal entrar no mercado dos trigos como país produtor do cereal? Pode isso dar-se? O facto criminoso que acaba de dar-se, só é possível em momentos, como este, de atroz tirania fascista. A exportação do trigo dum país nas condições de Portugal é, economicamente, um contra-senso e, socialmente, um crime. Economicamente um contra-senso — porque o País vai exportar (já começou a exportar) cereal por um preço inferior ao do custo, socialmente um erro, porque a situação artificial que cria a abundância de trigo se faz corresponder um remédio que não resolve o problema dos trigos senão para o transferir para o desemprego.

Que outra solução é essa se não obrigar os pequenos produtores a abandonar em massa as sementeiras de trigo e fazer que os grandes lavradores intensifiquem o uso da maquinaria, condição ótima de se adaptarem aos novos preços? Em qualquer dos casos, é a miséria para os pequenos produtores, o desemprego em massa para os trabalhadores rurais. O grande fascista que pode gastar as tensas de milhares de contos para rearmar o exército e a marinha, que pode manter um alto funcionalismo esplendidamente pago, não pode adquirir, pagando o todo o preço dos pequenos produtores do país e mandar construir os silos necessários para a sua conservação!

Não pode! Entretanto pode autorizar a venda de trigo para o estrangeiro a 380 o quilo! Não ode, mas sabe inventar uma solução que permite que haja centenas de milhares de pessoas que mal comem, enquanto o trigo é vendido por muito menos de metade do preço por que pagamos o pão!

Não inventa soluções, berra contra os lavradores que produziram muito e, entretanto, diz, que se garante o preço dos 300 milhões de quilos que resolveu fossem pre-

cisamente a quantidade máxima que a Federação-burla pagar pelo preço da tabela. Contudo, pelo decreto publica o nos-jornais de 24 de Janeiro, a tabela deixou, automaticamente de existir. Exportado o cereal nas miseráveis condições que expunham, o preço da tabela baixou, imediatamente, de 312,5 em cada quilo de trigo, porque, embora este ano seja pago aos produtores pelo preço antigo, a diferença entre o preço em Portugal e aquele que é vendido para o estrangeiro será reembolsado pela Federação por um desconto daquela importância sobre o preço de cada quilo de trigo futuro até reembolso total. Como a produção não tende a diminuir (exceptuando os anos de más condições climáticas), admitindo que haja excedente de 140 milhões de quilos num total de colheita para o consumo de 440 milhões de quilos (estes números são modestíssimos) acontece que, fazendo-se a exportação como agora, o trigo será de ser pago ao produtor com um desconto de cerca de 320 por quilo o que tirará ao pequeno lavrador a possibilidade de cultivar as suas terras. Repetimos, porém: Estes números são moderadíssimos e estão, por isso muito aquém da realidade.

Uma coisa há certa, desde já: é que o governo de Salazar é impotente para resolver a crise sob qualquer aspecto, e que a solução «corporativa» da Federação de Trigos & C. é uma espantosa burla ao serviço da moagem e dos grandes lavradores que a administram.

Uma conclusão há, certa também: é que o Partido Comunista soube apontar o remédio da crise, em proveito do proletariado, dos pequenos lavradores e das classes médias, contra os magnates da moagem da Federação e da Lavoura.

TRABALHADORES RURAIS: o trigo que vós produzistes foi vendido a preços, que não recompensam os míseros salários que recebestes! Sereis vós quem o ireis pagar na futura lavoura!

PEQUENOS LAVRADORES: a produção que era o vosso único amparo contra a miséria foi vendida a preços vis vos obrigando a deixar as vossas terras estérteis e a terdes uma miséria mais dura ainda!

DESEMPREGADOS DO CAMPO E DA CIDADE: Não teréis mais trabalho como não teréis mais pão. Sem a venda de produtos ou com a má venda a preços de prejuízo, a lavoura não pode dar trabalho a uns e encamadas aos outros. Enquanto vós passais fome, o trigo é vendido, por metade do preço ou menos, para o estrangeiro São 150.000 toneladas de trigo que vão gratuitas, para fóra! É metade do consumo anual do país.

Entretanto vós e vossos filhos passais fome!

CONSUMIDORES: o pão que vós é vendido, integável e caro, podia ser barateado ou melhorado sem prejuízo para os pequenos produtores nem para os trabalhadores rurais. Bastava que o governo não defendesse a sua classe, a classe dos moageiros, banqueiros e grandes lavradores. Com o trigo que

Está constituída

A FRENTE POPULAR

Continuad. da 5.ª pagina

ditadura fascista. Na mesma altura, em França, as massas populares, responderam às provocações dos fascistas que cevaram o seu ódio sobre a pessoa do chefe do Partido Socialista francês—Leon Blum, impondo a imediata dissolução das Ligas fasciosas—fascistas— e exigindo o processo de Maurras, que nas colunas do seu jornal tem instigado os fascistas a cometerem massacres e assassinatos (s organizações e aos líderes comunistas, socialistas e republicanos).

A estes dois exemplos extraídos das últimas experiências da Frente Popular há que juntar muitos outros que nos vemos impossibilitados, de citar neste momento, dada a falta de espaço.

Uma conclusão, porém, podemos desde já sacar:—a união numa poderosa frente de todas as forças progressivas dum país, a sua luta constante, o conhecimento político dos fins a atingir, o a mobilização das mais largas massas da população não organizada, são a garantia de que a vitória é certa e de que só a Frente Popular representa um instrumento do Povo para a sua libertação das garras da fome e da reacção e das perspectivas sangrentas de uma nova guerra imperialista.

Em Portugal constituiu-se a Frente Popular Antifascista

Nos meses de Julho-Agosto de 1934, realizou-se em Moscovo o VII Congresso da Internacional Comunista. Em números anteriores já o «Avante» deu alguns informes acerca desse Congresso, publicando até extratos do célebre discurso de Dimitroff, que versava sobre «A ofensiva do fascismo e as tarefas da Internacional Comunista pela Unidade da classe operária contra o fascismo».

Nesse discurso, Dimitroff disse: «Nós os comunistas, somos um partido revolucionário. Mas estamos dispostos a empreender acções conjuntas com os outros partidos que lutem contra o fascismo».

Esta é a politica que o Partido Comunista Português prossegue, pois ela é justa e conduzir-nos-á à vitória.

Eis porque o Partido Comunista participa na Frente Popular e está disposto a prestar-lhe o seu máximo apoio.

Da Frente Popular já fazem parte cerca de uma dezena de organismos operários e pequenos burgueses, de diversas tendências. Pela sua acção perseverante não tardará que outros organismos se somem à força já considerável que hoje representa.

Milhares de homens livres participam, pois, numa frente de luta para fora, pelos comeres pão a 380. Entretanto o governo «NACIONAL» julgou preferível não beneficiar os consumidores com o sacrifício dos produtores!

TRABALHADORES RURAIS, PEQUENOS LAVRADORES, DESEMPREGADOS DO CAMPO:

É este, o governo da PROSPERIDADE, é este o governo de «tudo pela Nação, nada contra a Nação» dos burgueses e grandes capitalistas!

que, lutando e alargando-se, acabará por vencer o poder bestial de Salazar e da sua troupe.

A população republicana, anarquista, socialista, de outras tendências e sem partido, medindo a experiência de outros países e confrontando-a com a situação que atravessamos em Portugal, não «ixa em considerar a Frente Popular como um instrumento não só poderoso, mas necessário para derubar o fascismo e para instituir um governo de verdadeira democracia popular que eleve novamente a nação portuguesa à categoria de nação civilizada e progressiva.

Esse governo, que o Partido Comunista apoiará dentro dos limites do programa de realizações estabelecido, libertará o milho e meio de presos e deportados políticos; resolverá os problemas imediatos da terra, dos trigos e dos vinhos; libertará o pequeno proprietário do colite de forças do regime tributário salazarista; restabelecerá as liberdades democráticas do povo e das suas organizações políticas, sindicais e outras; lançará um freio à exploração e senfreada dos monopólios; depurará os quadros do Exército, da Marinha e do funcionalismo daquêles agentes estrangeiros e reaccionários que ali se «aricharam» para se «governarem» e delenderem o salazarismo; tornará o Ensino e a Cultura livres e acessíveis às classes populares; resolverá o problema do desemprego, quer socorrendo os desempregados, quer proporcionando-lhes trabalho.

São estas as condições fundamentais que interessam a todo o país. São estes os desejos de todas as pessoas honestas e livres, que estão fartas de sofrer e de verem sofrer o próximo.

Católicos ou protestantes, republicanos, anarquistas, comunistas ou sem partido, todos apoiarão esta luta justa, pr. mente e imediata, pois ela é a luta por uma existência humana e livre que elevará Portugal ao nível dos outros povos civilizados.

A Frente Popular já lançou as suas primeiras bases. Precisa agora de criar raízes tão profundas que nenhum rincão do país, nenhum homem livre, por afastado que viva, deixe de apoiar e de se integrar nela, pois tanto equivale a resolver os seus próprios problemas pessoais as suas necessidades e as suas aspirações mais desejadas.

O Partido Comunista Português apoia, na medida das suas forças, a Frente Popular que luta de facto contra o fascismo e que esteja disposta a levar a efeito uma politica de defesa dos interesses da população laboriosa do país.

O Partido Comunista Português torna suas as palavras de Henri Barbusse quando proclamou a necessidade de «tudo fazer para unir e de não fazer nada que nos desuna».

Trilhando o caminho das massas laboriosas da Espanha e da França, forjando uma poderosa Frente Popular que luta denodada e pertinazmente contra o fascismo e a guerra, Portugal ressurgirá de entre os escombros da demagogia, da barbárie e da regressão salazaristas.

Esta é a via que nós havemos de seguir, de mãos dadas com os antifascistas de todo o país, com as mais vastas massas da população que pensa e produz.